

SUMÁRIO

1 - BREVE HISTÓRIA DA TEOLOGIA ESPIRITUAL	2
1.1. A TEOLOGIA ORIGINANTE DAS PRIMEIRAS COMUNIDADES CRISTÃS	2
1.2. ESPIRITUALIDADE NA HISTÓRIA ANTIGA.....	2
1.3. HISTÓRIA DA IGREJA, TEOLOGIA E PRAXIS.....	3
2 - ESPIRITUALIDADE NA HISTÓRIA DA IGREJA	3
3 - O QUE ENTENDEMOS POR ESPIRITUALIDADE.....	4
3.1. ESPIRITUALIDADE Deve Ser UMA ATITUDE CONSTANTE	4
3.2. ESPIRITUALIDADE É UMA ASPIRAÇÃO NATURAL DA ALMA DO REGENERADO	4
3.3. ESPIRITUALIDADE Deve Ser ENTENDIDA Com a COMPREENSÃO DE QUE HÁ UM ABSOLUTO CHAMADO JESUS EM NOSSA VIDA	5
3.4. ESPIRITUALIDADE Deve Ser COMPREENDIDA Como uma POSTURA ASSUMIDA NA VIDA.....	5
3.5. A VERDADEIRA ESPIRITUALIDADE DEMANDA DE UMA COMPREENSÃO CORRETA DOS ATRIBUTOS DE DEUS	5
4 - ALGUNS MODELOS DE ESPIRITUALIDADE NO ANTIGO TESTAMENTO.....	6
4.1. ENOQUE.....	6
4.2. ABRAÃO	6
4.3. DAVI	7
4.4. ESDRAS.....	7
5 - ALGUNS MODELOS DE ESPIRITUALIDADE NO NOVO TESTAMENTO	8
5.1. JOSÉ	8
5.2. ESTEVÃO	9
5.3. PAULO.....	9
5.4. JOÃO	10
6 - COMO DESENVOLVER A ESPIRITUALIDADE	10
6.1. DEVEMOS EVITAR A EXCLUSIVIDADE DA TRILOGIA: ORAR, JEJUAR E LER A BÍBLIA	10
6.2. DEVEMOS NUTRIR PAIXÃO PELA DIVINDADE	11
6.3. DEVEMOS SER TEMENTES A DEUS.....	11
6.4. DEVEMOS NOS COLOCAR SOB AUTORIDADE.....	12
6.5. DEVEMOS AMAR A FUNÇÃO QUE TEMOS QUE DESEMPENHAR	12
6.6. NUNCA SE SATISFAZER CONSIGO MESMO.....	12
7 - AS DISCIPLINAS ESPIRITUais	13
7.1. DISCIPLINA DA MEDITAÇÃO	13
7.2. DISCIPLINA DA ORAÇÃO	14
7.3. A DISCIPLINA DO JEJUM	14
7.4. DISCIPLINA DO ESTUDO	15
8 - UMA VIRTUDE DA ESPIRITUALIDADE: AUTONEGAÇÃO	16
8.1. NÃO NOS PERTENCEMOS, SOMOS DO SENHOR	16
8.2. BUSCAR A GLÓRIA DE DEUS IMPLICA EM AUTONEGAÇÃO	16
8.3. AUTONEGAÇÃO SIGNIFICA SOBRIEDADE, JUSTIÇA E DEVOÇÃO	17
8.4. A VERDADE HUMILDADE SIGNIFICA RESPEITO PELOS DEMAIS	18
8.5. NÃO HÁ FELICIDADE SEM A BENÇÃO DE DEUS	18
8.6. O SENHOR É JUSTO EM TODOS OS SEUS ATOS	19
9 - TEOLOGIA PARA A FORMAÇÃO ESPIRITAL	19
9.1. O HOMEM, UM SER COMUNITÁRIO.....	20
9.2. ALIANÇA OU CONTRATO – PRINCÍPIO BÍBLICO PARA NOSSOS RELACIONAMENTOS	21

1 - BREVE HISTÓRIA DA TEOLOGIA ESPIRITUAL

A teologia cristã experimentou no decorrer dos tempos, vários caminhos e multiformes expressões. Sua história está intimamente ligada à história da igreja e das sociedades. De um lado, a Teologia sofreu os condicionamentos da prática eclesial, no esforço de responder a algumas das suas necessidades. Por outro lado empregou sobremaneira na tarefa de incutir a boa nova. "A teologia, reflexão crítica e sistemática sobre a fé cristã, vivida na comunidade eclesial, não deixa de ser tributária do contexto em que nasceu, bem como no modelo de igreja hegemonic no momento".

Quando percorremos de maneira rápida as grandes etapas da história da teologia, se faz necessário que retenhamos especialmente que configuração predominante ela assumiu em cada período.

1.1. A Teologia Originante das Primeiras Comunidades Cristãs

A primeira geração cristã, que compreende o primeiro século da nossa era, tem realizado verdadeira teologia. Tratou de refletir sua fé interpretando o evento fundante da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, assim como a constituição e implementação da igreja. Os escritos que testemunham esse enorme esforço de intelecção para responder as perguntas "quem é Jesus para nós" e "quem somos nós a partir de Jesus", foram agrupados no que conhecemos hoje como o "Novo testamento".

A. Fonte de toda teologia. O Novo Testamento é teologia fontal paradigmática e estimuladora de toda futura teologia, ao mesmo tempo em que sua base irrenunciável. A teologia das primeiras comunidades cristãs toca, pela primeira vez e de forma incomparável, a fonte de onde surge a própria fé: o encontro de homens e mulheres com Jesus Cristo, vivo e ressuscitado. A comunidade tem a consciência de que em Jesus a revelação de Deus alcançou um nível mais alto. O filho, palavra encarnada de Deus, está no centro tanto do processo de reinterpretation das escrituras e das tradições judaicas quanto da adesão dos que provêm da gentilidade.

B. Caracterização da "teologia originante". O sujeito da teologia, protagonista da reflexão de fé, dirige-se a uma comunidade cristã concreta ou grupo de comunidades. Como anúncio, os escritos do Novo Testamento também se destinam aos que estão fora da comunidade, desde que predispostos a aderir ao grupo dos seguidores de Jesus. Longe de ser reflexão acadêmica e especulativa, expressam os resultados da experiência cristã fundante, pretendem suscitar e alimentar a fé.

"Os autores do Novo Testamento tinham uma grande liberdade diante do Antigo testamento, que se tornou seu livro, sua palavra. Pareciam não estar tão preocupados em descobrir o sentido histórico literal do texto antigo, mas sim como eles podiam exprimir a fé nova em Jesus Cristo".

Os cristãos do primeiro século tinham como escrituras o Antigo Testamento, em que interpretavam e expressavam as suas próprias convicções e concepções de vida cristã.

1.2. Espiritualidade na História Antiga

A questão sobre a forma perfeita e completa de espiritualidade, somente se justifica por se encontrarem, na história, diversas variadas formas de espiritualidade, que se manifestam como que a retratar um momento na história da busca do homem pelo sagrado. Quero mencionar algumas dessas formas manifestas na antiguidade:

A. Intimista Oriental. Podemos afirmar que esta espiritualidade é a mais antiga forma registrada conforme a expressão religiosa, que vem do Oriente. "Esta espiritualidade podemos afirmar que trata de arrebatamentos; uma espiritualidade contemplativa, de

incursões psicanalistas, e de um desejo imenso de fazer a vida ascender aos níveis e aos nirvanas da percepção absoluta da totalidade do cosmos”

B. Judaica. Outra espiritualidade é a judaica que é legalista e intransigente. Podemos dizer que é uma espiritualidade comportamentalista. “Uma espécie de pré-história do behaviorismo. Uma atitude no sentido de transformar a vinculação com Deus na forma de um comportamento intocável, intangível, ilibado, irrepreensível, irretocável”. Não quero afirmar que as escrituras do Antigo Testamento falem desta forma acerca da espiritualidade, mas, paralelamente a revelação de Deus no Antigo Testamento, o judaísmo desenvolveu uma forma particular, uma espécie de subcultura da espiritualidade judaica, que não nascia e que não brotava da revelação da escritura, mas que foi produzida por essa mentalidade dada a um pragmatismo comportamentalista.

C. Grega. “Segue-se à espiritualidade grega: dicotômica e abstrata. Dicotômica, porque a maior parte do que se pode chamar de espiritualidade grega não se encontra no panteão; não vem tanto dos mitos religiosos dos gregos”. O que podemos afirmar é que a espiritualidade grega vem da parte anti-religiosa da época que seriam os filósofos gregos. Para eles a parte espiritual sempre estava separada da parte material. Havia sempre um ponto de tensão entre o espiritual e o material. Sendo que a espiritualidade grega era separada do objeto a que pertence, ou seja, podemos dizer que a espiritualidade grega era abstrata, que lidava mais com conceitos e que nunca levava para um plano tangível.

1.3. História da Igreja, Teologia e Praxis

A Igreja, instituição humana tocada pela graça divina, encaminha-se na história rumo à plenitude escatológica. A teologia vai sendo gerada no coração da igreja, em seu lento caminhar pelas sendas da história. É muito útil para a teologia compreender como e por que a igreja faz opções pastorais e assume distintas configurações no correr dos tempos, bem como conhecer o contexto vital em que elabora e reinterpreta seus princípios.

A relação igreja mundo só pode ser corretamente compreendida com a ajuda das informações provenientes da história, entendida não como simples seqüência de fatos e eventos, mas como estudo sistemático. Além disso, a história da igreja coloca o estudante a par dos conflitos de mentalidade, idéias e movimentos sociais que promovam o espaço eclesial até os nossos dias.

À medida que se pratica a história da igreja no quadro das faculdades teológicas, ela goza de enorme importância para a autocompreensão eclesial. Quando a história da igreja descobre, mediante o estudo das fontes, a origem dos conflitos e divisões de hoje, oferece uma contribuição terapêutica para a reforma da igreja. Para conduzir uma nova prática, não precisa omitir alguns séculos, mas sim manter o diálogo com outras disciplinas teológicas e, com as ciências humanas, encaminhar a recuperação de uma estrutura e possibilidades de decisão perdidas.

2 - ESPIRITUALIDADE NA HISTÓRIA DA IGREJA

Espiritualidade como a pastoral não consiste apenas em áreas de estudo ou disciplina teológica, mas em dimensões de vida cristã. Quando o cristão desce ao nível das motivações de sua fé, toca na espiritualidade; quando expressa por meio do louvor, suplica e ação de graças sua adesão ao projeto de Jesus e do reino, como membro pleno da comunidade eclesial, toma parte da liturgia. Quando reflete orgânica e criticamente sobre elas, faz teologia.

“Esta disciplina reaparece recentemente nos cursos acadêmicos. A cátedra de espiritualidade é criada somente em 1917, pelos dominicanos em Roma, embora já existam, desde o século XVII, reflexões diversas sobre a temática”.

A espiritualidade, como vivência, caracteriza o seguimento de Jesus, próprio do cristão, enquanto entrega do coração a Deus, compreendendo a dimensão místico-celebrativa da fé. Por sua natureza mesma, a teologia espiritual se diferencia dos outros setores da teologia. A pastoral se refere à organização e animação da vida da comunidade. A espiritualidade por sua vez, reflete sobre o processo da fé, descrevendo-lhe a estrutura e as leis do seu desenvolvimento. Estuda a ressonância do relacionamento com Deus na consciência, liberdade e sentimentos da pessoa.

A espiritualidade cristã pode ser trabalhada refletindo sobre o seguimento de Jesus, a contemplação, as virtudes teológicas, como fé, esperança, caridade, a conversão, a cruz, os exercícios da piedade, a liberdade cristã, etc.

3 - O QUE ENTENDEMOS POR ESPIRITUALIDADE

Nesta época em que estamos vivendo consideramos como pós-cristã. Quando os valores cristãos são bastante contestados pela sociedade. Perdoar é coisa de otário. O que vale hoje é "bateu, levou". Esse negócio de não ajuntar tesouros na terra e sim nos céus, não funciona. O mundo é um vasto coliseu e aprendemos da história que os cristãos sempre perdiam no coliseu e os leões é que venciam. É melhor ser leão que cristão.

Como ser espiritual nos tempos em que estamos vivendo, quando nossa própria mente nos trai? Temos uma formação na igreja e recebemos outra, que nos molda, fora da igreja.

3.1. Espiritualidade Deve Ser uma Atitude Constante

Como ponto de partida, precisamos entender que espiritualidade deve ser uma atitude autêntica, sem um outro alvo que não seja apenas a comunhão com Deus pelo prazer da comunhão com Deus. A busca por Deus deve ter Deus como motivação e como finalidade da busca. Lembremos das seguintes palavras de Jesus: "Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vós digo que me buscais, não porque vistes sinais mas porque comeram do pão e vos saciastes". (Jo 6:26) Ou seja, pessoas que procuravam a Jesus Cristo somente para se satisfazerem a si mesmas. Que fé mesquinha, a que só busca a Deus para que este atenda os interesses pessoais de quem o busca. Em contrapartida mencionaremos as palavras de Jó: "Embora ele me mate, ainda assim esperarei nele". (Jó 13:15) Esta é a fé verdadeira, a espiritualidade autêntica, a que se expressa não por motivo secundário, mas pela busca de Deus. É motivado pelo amor.

A religião cristã não é mais uma maneira de conseguir as coisas de Deus. É amar a Deus acima de tudo, pois este é o primeiro mandamento. "O ser humano tem sede de Deus, e no seu interior bate forte um desejo de se relacionar com ele". Espiritualidade deve ser cultivada por amor a Deus e não porque queremos bênçãos ou porque somos líderes. É porque somos crentes em Jesus Cristo, regenerados, lavados no seu sangue. Devemos amar a Cristo.

3.2. Espiritualidade é uma Aspiração Natural da Alma do Regenerado

Não é porque somos líderes que devemos cultivar a espiritualidade, mas devemos cultivar porque somos regenerados. "A nossa alma tem anseios tão profundos que só podem ser satisfeitos em Deus"

A alma piedosa tem anseios espirituais profundos que nunca se saciam. A verdadeira espiritualidade deve ser expressa em forma de um profundo desejo de Deus, e nunca por obrigação. Deve ser um anseio natural do coração do regenerado. O cristão sente fome, sede e também outras necessidades naturais. Um regenerado deveria sentir isto como uma necessidade natural para sua vida cristã. Os líderes precisam cultivar espiritualidade em

vez de estarem preocupados com outras personalidades secundárias. Quando a liderança não busca a Deus, o povo não é alimentado e se desvia com toda facilidade. É por essa razão que o líder precisa também e deve ter fome e sede de Deus. Assim, poderá alimentar outros que estão sob sua responsabilidade. Se ele se alimenta errado, os liderados se alimentarão de maneira errada. Se Jesus Cristo não é seu foco principal, não será dos seus liderados.

3.3. Espiritualidade Deve Ser Entendida Com a Compreensão de Que há um Absoluto Chamado Jesus em Nossa Vida

Somos cristãos. Temos que partir deste ponto. A paixão maior de nossa vida deve ser Jesus Cristo. É fácil amar coisas materiais, a nossa carreira, mas somos chamados a seguir e amar a Jesus Cristo. Como chamados, precisamos estar apaixonados por Jesus Cristo, que deve ser o absoluto da nossa fé. A espiritualidade não pode ser reduzida ao nível de sensações e de êxtases, esquecendo-nos de que Jesus é o autor e consumidor da fé, Senhor da igreja, Senhor da nossa vida, Senhor do nosso ministério, Senhor de tudo que temos e somos.

"Sabemos que quando o Senhor Jesus chamou o apóstolo Pedro para o pastorado, não lhe perguntou o quanto conhecia sobre Deus nem mesmo sobre experiências espirituais que havia tido, mas se ele o amava; era o afeto de Pedro que interessava a Jesus".

Não é que o nosso conhecimento intelectual vai nos fazer melhor que qualquer outro homem, mas sim a nossa compreensão de que Jesus Cristo é quem tem separado o homem para uma obra especial e uma comunhão especial com o seu Criador. Necessitamos de uma cosmovisão centrada na pessoa de Jesus Cristo para não nos desequilibrar. "O que de Deus se pode conhecer é manifesto através de seu filho Jesus Cristo. Através de Jesus Cristo chegamos ao conhecimento de Deus".

3.4. Espiritualidade Deve Ser Compreendida Como uma Postura Assumida na Vida

Podemos identificar "espiritualidade" com "piedade". Pois conforme estamos seguindo este trabalho, podemos definir piedade como: a qualidade de vida que existe naqueles que buscam glorificar a Deus. O homem piedoso não faz objeção ao pensamento de que sua maior vocação é ser um meio para a glória de Deus. Ao contrário, ele percebe isso como fonte de grande satisfação e contentamento.

Ainda podemos afirmar que o desejo mais precioso do homem espiritual é exaltar Deus com tudo o que ele é e em tudo que ele faz. Ele segue os passos de Jesus, seu senhor, que afirmou a seu pai no final da sua vida: "Eu te glorifiquei na terra, completando a obra que me deste para fazer". (Jó 17:4) Espiritualidade é ver-se como servo, como um instrumento e buscar sempre a glória de Deus e nunca a nossa. Deus não existe para nos tornar felizes. Nós existimos para glorificá-lo. A recompensa de ser feliz é primeiramente servir ao senhor, glorificar ao senhor e ele exaltará o seu filho.

3.5. A Verdadeira Espiritualidade Demanda de uma Compreensão Correta dos Atributos de Deus

A nossa intenção não é nos aprofundar sobre os atributos do criador, pois terão oportunidade de abordar com maior profundidade sobre este assunto em outras disciplinas, mas vamos nos centrar em apenas um dos seus atributos naturais que é: a onipresença. A onipresença de Deus não significa que Ele está em todos os lugares, como se pensa. Ele não está em uma lata de lixo ou em meia garrafa de refrigerante que está fechada. Não sejamos pantheístas, confundindo Deus com o ar ou com o espaço. Onipresença significa que o espaço não existe para Deus em termos de limitá-lo. Significa que ele está onde é invocado.

Espiritualidade não deve se manifestar no culto ou quando vestimos a indumentária clerical ou a "roupa especial de se apresentar diante de Deus". É uma atitude diante do sagrado e do divino. Se entendermos espiritualidade como ter consciência da presença de

Deus e reagir a ela, não teremos uma espiritualidade cíltica ou profissional, mas constante. O temor a Deus estará presente em nossa vida.

4 - ALGUNS MODELOS DE ESPIRITUALIDADE NO ANTIGO TESTAMENTO

Continuando na nossa linha que iniciamos quero apresentar alguns modelos de espiritualidade através de homens de Deus no Antigo Testamento. São muitos os personagens que podemos abordar como exemplos de espiritualidade dentro do Antigo Testamento, mas nos limitaremos apenas a quatro, justificando na argumentação, o porquê desses escolhidos. Sendo que eles mostram aspectos diferentes, que se complementam.

4.1. Enoque

Uma síntese da sua vida encontramos em Gênesis 5:24 "Andou Enoque com Deus; e já não foi encontrado, pois Deus o havia arrebatado". "A forma verbal hebraica implica um proceder moral, em justiça, e observância de leis, em grau mais acentuado do que todos os seus antecessores e posteriores".

O que deve chamar a nossa atenção é a expressão: "andou", que retrata a intimidade, que é a essência da piedade que encontramos no Antigo Testamento. O que podemos afirmar também é que Enoque foi um homem que desejou ser diferente, desejou ter um relacionamento mais profundo com Deus do que os outros. Não se conformou com o padrão dos outros. É o modelo de espiritualidade contemporânea, que vem da antiguidade, nos primórdios da humanidade. É um homem que anda com Deus. "Na LXX (septuaginta) andou com é substituído pela paráfrase: agradou, e não era tornar-se não foi achado".

Pelo que podemos perceber estudando o texto de Gn 5:24, mais especificamente a palavra "andou" não significa um andar fisicamente. Não é isto que o texto de gênesis ensina. Mas o que percebo neste ensino é que sua conduta mostrava um homem andando na presença do Senhor. Muitos queremos que Deus ande conosco, ou seja, que ele nos acompanhe por onde nós caminhamos. Enoque é um homem que segue a Deus. Ele nos ensina que a espiritualidade é caminhar com Deus, é proceder em moral, em justiça e observância de leis. Também o que podemos afirmar é que a morte é mostrada em gênesis como consequência do pecado.

Enoque vive de maneira que as consequências do pecado, a morte não tenha efeito sobre ele. É o homem que despreza o pecado. Isto é espiritualidade. Viver de maneira que o pecado não tenha domínio sobre a pessoa.

4.2. Abraão

Em Gênesis 17:1 percebemos a exigência de Deus a Abraão, e ele tem atendido: "Quando Abrão estava com noventa e nove anos de idade o Senhor lhe apareceu e disse: Eu sou o Deus Todo-Poderoso; ande segundo a minha vontade e seja íntegro". Quero salientar novamente o verbo "andar". A idéia que dá aqui é de uma caminhada correta, que acaba se tornando um padrão. Podemos falar muito sobre Abraão, mas o que mais se destaca nele não são as riquezas, mas duas construções que ele levantava aonde chegava: altar e tendas. Altar, de pedras para Deus; tendas de peles, para ele. Para Deus o seguro, o duradouro, o indestrutível.

Para ele, o passageiro. Ele é o primeiro homem chamado de "hebreu" (Gn 14:13). Ele era um peregrino. Deus era eterno. Espiritualidade passa por aqui, pela consciência de nossa transitoriedade e da eternidade de Deus com quem lidamos. Além disso, a obediência marca a vida de Abraão. Uma vida espiritual é uma vida de obediência ao Senhor, de conformidade com sua palavra.

Muitos têm procurado espiritualidade através de êxtases, experiências sensoriais e práticas litúrgicas. Ela é obediência. "Samuel, porém respondeu: tem porventura, o Senhor tanto prazer em holocaustos e em sacrifícios quanto em que se obedeça à sua palavra? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e a submissão é melhor do que a gordura de carneiros" (I Samuel 15:22). O sacrifício era a forma mais sublime de culto no Antigo Testamento. "Deus chamou Abraão a uma incrível peregrinação de fé... Tempos depois, Paulo insistira que Abraão foi o primeiro a ser justificado pela fé".

Abraão nos ensina que espiritualidade é dar prioridade a Deus. Lembramos que a exigência absurda que Deus lhe fez de sacrificar o seu filho. Poderia ser absurdo, mas era pedido divino.

4.3. Davi

"Davi, a quem Deus prometeu um reino eterno (II Sm 7:13-16), que chegaria a ser universal sobre todas as nações (Is 9:6s)". Deus o chamou de "o homem segundo o meu coração" (At 13:22). Tem se observado em muitos escritos sobre Davi o que mais se enfatiza são os seus erros. Não vamos ignorar esses erros, pois eles aconteceram. Mas há um ponto a se ressaltar: pecou, mas se arrependeu. Os salmos 51 e 32 mostram sua atitude de quebrantamento após a acusação que lhe foi feita por Nata.

Espiritualidade não é nunca pecar. É saber se arrepender quando pecar. Podemos ter vitória sobre o pecado, mas dificilmente sempre teremos vitória sobre o pecado. E é bom que assim suceda. Se não pecássemos não precisaríamos da graça. Seríamos perfeitos. E graça é para pecadores. Lembro-me das palavras do apóstolo João: "Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; mas, se alguém pecar, temos um advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo". (I Jó 2:1) Ele exorta seus destinatários a viverem uma vida vitoriosa, mas como nem sempre conseguíram, lembra-lhes que Jesus é nosso intercessor. Voltando a Davi, ele nos ensina que espiritualidade é saber se ver como pecador, aceitar que errou, chorar, confessar. É estranha a espiritualidade que não fala de pecado, de perdão, de quebrantamento, e só fala de triunfo.

É preciso saber confessar e pedir perdão. Aprendemos que espiritualidade é reconhecer-se como pecador e pedir perdão a Deus.

4.4. Esdras

Esdras surge na Bíblia sob uma apresentação seca: "vivia um homem chamado Esdras" (Ed 7:1). Em Esdras 7:6 temos o primeiro vislumbre do seu caráter: "Ele era escriba versado na lei de Moisés, dada pelo Senhor, Deus de Israel; e, segundo a boa mão do Senhor, seu Deus que estava sobre ele, o rei lhe concedeu tudo quanto lhe pedira". Um homem que conhecia as escrituras, e sobre quem a mão de Deus repousava. Era um estudioso das escrituras. E a ensinava ao povo. Estudava para ensinar. "Porque Esdras tinha disposto o coração para buscar a lei do Senhor, e para a cumprir, e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus juízos". Mas o que podemos destacar é a oração de Esdras que encontramos no capítulo 9. Foi o povo quem pecou, não ele. Ele era pecador, mas aquele pecado ele não cometera (V1). No entanto, em sua oração ele não acusa os irmãos. É uma oração comovente (Ed 9:5-15). Sugiro que a leiam com toda atenção possível e descobrirem qual o caráter que este homem possuía. Em momento algum ele usa "eu" e "eles", no estilo de "eu estou intercedendo por eles". Ele sempre usa "nós". Ele se identifica com o povo. Ele vê o pecado deles como pecado dele. Espiritualidade não é farisaísmo. Espiritualidade não é crueldade. Uma pessoa espiritual será misericordiosa, amorosa, compassiva com os que caem.

Esdras ensina que espiritualidade exige empatia com os pecadores. Se ela nos aproxima de Deus e nos afasta do pecado, não nos afasta dos pecadores. Leva-nos à oração intercessória. Mais que intercessória, uma oração "identificatória". Este é o maior traço da espiritualidade de Esdras. A pessoa espiritual tem uma postura de misericórdia e de intercessão. É um dos traços de Jesus, segundo a profecia: "e pelos transgressores

intercedeu" (Is 53:12). A verdadeira espiritualidade não leva a tripudiar sobre os mais fracos. Leva a interceder e chorar por eles.

Temos analisado quatro homens que Deus tem mencionado na sua palavra. Cada personagem tem demonstrado a sua maneira de se ligar com o seu Criador, cada homem tem tido uma experiência distinta de estar em comunhão com o Deus e podemos perceber como cada um tem tido um momento especial diante de Deus com suas particularidades: Andar segundo a vontade de Deus (Enoque e Abraão), priorizar a Deus (Abraão), ver seus pecados e saber se arrepender, clamando por perdão (Davi) e nunca se colocar como mais espiritual e crítico da vida alheia, mas como intercessor (Esdras). A nossa espiritualidade deve se enquadrar nestes exemplos que a palavra de Deus nos apresenta através destes quatro grandes homens de Deus, para podermos aprender cada vez mais a partir de um momento de comunhão e crescimento espiritual para nossas vidas.

"O Antigo Testamento é, pois, a história de uma relação com dois protagonistas: Deus e o povo. Nessa convivência estão presentes os ingredientes comuns de um caso de amor: alegria, pranto, tristeza, emoção, ira, compaixão, temor, disciplina, abandono, reconciliação. Ou seja, é uma história de encontros e desencontros e reencontros"

5 - ALGUNS MODELOS DE ESPIRITUALIDADE NO NOVO TESTAMENTO

Assim como vemos alguns modelos no Antigo Testamento, vejamos alguns homens no Novo Testamento que deram prioridade para estarem em comunhão com Jesus Cristo. Não citaremos Jesus Cristo, pois seria um peso muito grande para nós.

Também analisaremos quatro personagens que através de suas vidas podemos tirar grandes lições para as nossas vidas e podemos ver como eles nos ajudam a viver uma vida de relacionamento com Deus.

5.1. José

Não é o Pai de Jesus, é outro José. "Tinha primeiramente o nome de José, At 4:36. Seu nome Barnabé significa, também exortação. Era levita da ilha de Chipre e primo de Marcos". Não o conhecemos pelo nome, mas pelo apelido. Ele surge em Atos 4:36 "Então José, cognominado pelos apóstolos Barnabé (que quer dizer, filho de consolação), levita, natural de Chipre". Outras versões trazem: "encorajador", "filho da consolação". Ele se tornou conhecido na igreja pelo apelido que retratava seu caráter. Mais uma vez, vemos a associação entre espiritualidade e relacionamento horizontal, com os irmãos.

É muito fácil ter amor a obra, ter amor a cargos, ter amor a importância que damos a nós mesmos do que nos preocupamos com pessoas. Ele vendeu um terreno e, confiadamente, entregou o valor à liderança da Igreja. Espiritualidade não busca proeminência e se preocupa com os necessitados. Muitos hoje medem a espiritualidade pelas bênçãos materiais recebidas, ou seja, por quanto a pessoa ganha. Há os que buscam o evangelho para enriquecer, para se tornarem empresários e resolverem seus problemas materiais. Uma espiritualista "hedonista", espiritualidade esta que se importa consigo mesmo.

Com José, apelidado de Barnabé, vemos uma espiritualidade que dá (este dar é de entrega pelo outro). Que ao invés de procurar ser abençoado, busca ser bênção. Mais uma vez quero afirmar que espiritualidade não é teatralidade ou fingimento. E não é um mero intimismo no relacionamento com Deus. Tem efeitos positivos sobre a vida dos irmãos. Há um tipo de espiritualidade que destrói a igreja. Mas a verdadeira espiritualidade edifica o corpo de Cristo. "Levou Saulo aos apóstolos. Era homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé. Foi a Tarso procurar Saulo. Levou com Saulo, contribuições para os flagelados da fome".

Mais tarde, Barnabé se tornou o tutor do apóstolo. Paulo junto à comunidade cristã ressabiada com o novo convertido: Então Barnabé, tomando-o consigo, o levou aos apóstolos, e lhes contou como no caminho ele vira o senhor e que este lhe falara, e como em Damasco pregara ousadamente em nome de Jesus". (At 9:27) A verdadeira espiritualidade busca o bem estar alheio e beneficia as pessoas próximas. Não vive em competição porque não precisa provar nada a ninguém, a não ser a Deus.

5.2. Estevão

Este homem de Deus surge em Atos 6:5, homem este que se torna no primeiro mártir da igreja cristã, mas em Atos 6:8 começa a delinear o seu caráter: "Ora, Estevão, cheio de graça e poder, fazia prodígios e grandes sinais entre o povo". Um homem cheio da graça e do poder de Deus. A autoridade espiritual sempre aparece na vida da pessoa que cultiva a espiritualidade. Ela não precisa dizer isto a seu respeito, As pessoas percebem. A espiritualidade autêntica não se exibe ostensivamente. Ela aparece espontaneamente e é percebida.

Em Atos 6:10 lemos que ele era homem sábio e cheio do Espírito. É muito boa esta ligação entre cheio de Espírito e sabedoria. Uma vida cheia do Espírito não é insensata.

Esta espiritualidade de Estevão não era para manifestação interna. Era para testemunho. Precisamos entender isto, que uma vida espiritual, cheia do Espírito, tornará isto evidente no testemunho aos de fora. A verdadeira espiritualidade é aquela que testemunha a fé, proclama o nome de Jesus não apenas com ousadia, mas com autoridade.

Mas o que impressiona mais que tudo na vida de Estevão foi o testemunho que seus opositores deram dele: "... fitando os olhos nele, viram o seu rosto como o rosto de um anjo". (Atos 6:15) Isto não é romantismo, é realidade. O interior de uma pessoa aparece em seu rosto. O mundo deve ver a autêntica espiritualidade em nossa vida, deve ver em atos, na sabedoria com que agimos, e até mesmo no nosso semblante. Nossa vida manifesta a graça de Deus aos irmãos e aos de fora da igreja?

5.3. Paulo

"Paulo, o grande apóstolo, nasceu em Tarso, cerca do primeiro ano A. D. Jovem no tempo de Estevão. Da tribo de Benjamim". Quando se fala do apóstolo Paulo, muitos textos poderiam ser usados para falar dele, mas usaremos apenas dois textos: Gálatas 2:20 "Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim" e 2 Coríntios 11:21-33, o texto onde ele fala dos seus sofrimentos pelo evangelho de Jesus "Falo com vergonha, como se nós fôssemos fracos; mas naquilo em que alguém se faz ousado, com insensatez falo, também eu sou ousado. São hebreus? Também eu; são Israelitas? Também eu; são descendência de Abraão? Também eu; são ministros de Cristo? Falo como fora de mim, eu ainda mais; em trabalhos muito mais; em prisões muito mais; em açoites sem medida; em perigo de morte muitas vezes; dos judeus cinco vezes recebi quarenta açoites menos um. Três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio, uma noite e um dia passei no abismo; em viagens muitas vezes, em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos dos da minha raça, em perigos dos gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, os perigos entre falsos irmãos; em trabalhos de fadiga, em vigílias muitas vezes, em fome e sede, em jejuns muitas vezes, em frio e nudez. Além dessas coisas exteriores, há o que diariamente pesa sobre mim, o cuidado de todas as igrejas. Quem enfraquece que eu também não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu me não abrace? Se é preciso gloriar-me, gloriar-me-ei no que diz respeito à minha fraqueza. O Deus e Pai do Senhor Jesus, que é eternamente bendito, sabe que não minto. Em damasco, o que governava sobre o rei Aretas cidade dos damascenos, para me prender; mas por uma janela desceram-me num cesto, muralha abaixo; e assim escapei das suas mãos".

A espiritualidade do apóstolo Paulo pode ser bem compreendida aqui, na sua visão de vida cristã e de serviço cristão. Para ele, seguir a Cristo não era se assenhorear de uma

passagem de primeira classe pelo mundo. Era acima de tudo identificação com Cristo inclusive sofrimento. Muitos de nos queremos triunfo, não este processo de cristificação.

Mais uma vez afirmo que espiritualidade é identificação com Cristo. Por isso, Paulo podia se colocar como modelo para os demais: "Tu, porém, tens observado a minha doutrina, procedimento, intenção, fé, longanimidade, amor, perseverança". (2Tm 3:10) A verdadeira espiritualidade pode nós trazer sofrimento. Espiritualidade é identificar-se com Cristo e ter capacidade de tomar bordoadas por amor de Cristo.

5.4. João

O homem que tinha sido apelidado por Jesus, de "Boanerges", "filho do trovão" se tornou o apóstolo do amor, no fim da sua vida. Eis um homem com uma espiritualidade prática, vivencial, que mudou sua vida. Uma espiritualidade que produziu um caráter aperfeiçoado. Quando lemos suas cartas, principalmente a primeira, descobrimos o segredo. Uma das palavras-chave em seu escrito é "permanecer" e a outra palavra é "andar". Permanecer e andar são opostos, mas no pensamento joanino tem um conteúdo espiritual muito próximo. Qual o significado dessas duas palavras? 1 João 2:6 "aquele que diz estar nele, também deve andar como ele andou". A permanência mútua nós em Deus e Deus em nós, acontece pelo amor que manifestamos.

A questão da espiritualidade se manifestar em relacionamento é bem forte em João. Ele combate o gnosticismo que ensinava que a verdadeira espiritualidade consistia em conhecer segredos e coisas profundas. Não é. A espiritualidade é simples: amar a Deus, mostrando isso em firmeza e determinação, e amar os irmãos. Assim permanecemos nele. Assim andamos nele.

Mas, quanto à questão de permanecer, lembremos que Paulo expressara idéia semelhante: "Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste, e de que foste inteirado, sabendo de que o tens aprendido". (2Tm 3:14) Poderíamos sintetizar isto em uma frase: espiritualidade é fidelidade a Deus. Não por estoicismo, mas por amor.

Façamos uma síntese dos traços destes quatro personagens: Buscar o bem-estar alheio e confiar nos irmãos, mostrar uma vida de autoridade não arrogante, mas serviçal, uma vida em que Cristo cada vez mais seja visto no nosso caráter, inclusive o espírito de serviço do Mestre e permanecer nele e andar com ele, amando os irmãos.

Nossa vida espiritual deve estar firmada nos princípios que estes grandes homens têm vivido junto ao mestre Jesus Cristo e devemos demonstrar esses traços em nossas vidas.

6 - COMO DESENVOLVER A ESPIRITUALIDADE

Diante o que abordamos no capítulo anterior, onde analisamos as coisas concernentes à espiritualidade de homens cristãos, tementes a Deus, que a Bíblia nos apresenta, mesmo de maneira sucinta com relação aos personagens, podemos caminhar para nós, questionando-nos, como desenvolver esse tipo de espiritualidade?

6.1. Devemos Evitar a Exclusividade da Trilogia: Orar, Jejuar e Ler a Bíblia

Não é que isso não seja importante. Porque é. É muito importante. Mas essas atividades são normais à vida do cristão. São até mesmo de subsistência espiritual. Não é que a verdadeira espiritualidade seja anormal. Na realidade, devemos orar, jejuar e ler a Bíblia porque isto é cotidiano cristão. Mas, espiritualidade, como temos falado, é mais que atos. É uma atitude tomada na vida.

É uma disposição que deve brotar do íntimo da pessoa. É uma visão de vida. Não há valor na oração sem sentimento, como se fosse uma reza. Não há valor no jejum sem sentimento, será apenas privação de alimentos. A leitura da Bíblia de forma desatenta e simplesmente para se dizer que se leu a Bíblia em um ano pode ser improdutiva. E o pior é quando ela é lida em busca do sermão para os outros. Antes das atividades, deve haver o sentimento, a postura diante de Deus. Esta trilogia significará pouco se não for subsidiada por uma disposição íntima. É a fonte espiritual, fome de Deus, ou seja, amar a Deus sobre todas as coisas.

6.2. Devemos Nutrir Paixão Pela Divindade

Isto quer dizer ter fome de Deus. Uma pessoa que pretenda espiritualidade nunca se sentirá suficientemente alimentada. Sempre terá fome espiritual. E isto pode ser nutrido de maneira silenciosa. Quando comemos não alardeamos para a vizinhança: "estou almoçando". Nossa fome de Deus deve ser algo íntimo, interior. Quando é publicada e trombeteada para mostrar como somos espirituais deixa de produzir efeitos.

Pensemos no sentido de Mateus 6:17-18: "Tu, porém, quando jejuares, unge a tua cabeça, e lava o teu rosto, para não mostrar aos homens que estas jejuando, mas a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará". A recompensa não é dada aos que publicam seu desejo espiritual. A fome de Deus para impressionar as pessoas recebeu de Jesus esta observação: "... Em verdade vos digo que já receberam a sua recompensa". (Mt 6:16) Se o que se deseja é tornar pública a espiritualidade, já se conseguiu. Todos viram. Mas Deus se mostra a quem o busca com fome autêntica e sincera: "Buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração". (Jr 29:13)

Amar a Deus, ter fome de Deus, buscar Deus por Deus mesmo. Ter fome de Deus, não de sucesso. Ter fome de Deus, não de suas bênçãos. Querer Deus e não apenas ser abençoado.

6.3. Devemos Ser Tementes a Deus

O amor não exclui o temor, porque temor, aqui, não é medo. É reverência. Quero salientar Neemias 5:15, quando ele se justifica porque foi honesto: "Mas os primeiros governadores, que foram antes de mim, oprimiram o povo e lhe tomaram pão e vinho, além de quarenta ciclos de prata; até os seus moços dominavam sobre o povo, porém, eu assim não fiz, por causa do temor de Deus". O temor de Deus o levou a agir corretamente. Ele era um homem espiritual e isto se evidenciou na sua conduta. Espiritualidade não se prova com experiências encantadoras ou de êxtase verbal ou através de gestos, mas com ética. Com muita facilidade, as pessoas que lidam com realidades espirituais se apossam delas, ao invés de se subordinarem a elas. Podemos nos acostumar tanto com Deus e com sua palavra, que deixamos de ser impactados por ele e por ela. A familiaridade leva a perder o temor.

Ficamos tão acostumados que aquelas coisas não mais nos impressionam. Se você é um líder, tome cuidado para não cair na tentação de pôr-se acima do que pede do povo, porque aquilo lhe é comum. Paulo nunca se deixou dominar pela familiaridade. Seus últimos escritos, que se presumem ser as pastorais, principalmente 2 Timóteo, mostram um homem profundamente consciente do impacto de Jesus na sua vida. Espiritualidade sem o temor de Deus não me parece muito consistente. A visão que Isaías teve da glória de Deus produziu nele uma sensação de temor: "Ai de mim!" Isto marcou sua vida. Ele se viu como pecador, sentiu-se desesperado e alcançou purificação. Isso o capacitou para uma vida de serviço. A verdadeira espiritualidade, produto do temor, impede que o serviço cristão seja mero ativismo e se torna um ato de culto a Deus. Sem o temor de Deus vem a leviandade. Espiritualidade implica em reverência.

6.4. Devemos Nos Colocar Sob Autoridade

Esse requisito não pode ser esquecido. A espiritualidade autêntica se evidencia em humildade autêntica. Saber trabalhar sob liderança, acatar liderança, saber implementar projetos alheios, não reivindicar posição de mando. É impressionante como é que tanta gente tem uma experiência com Deus e a partir daí funde seu movimento e se dê a si mesmo algum título superlativo, como apóstolo, arcebispo, etc. Ninguém se dá o título de lavador de pés, ou carregador de bagagem. Em nossos dias, a espiritualidade cristã precisa resgatar a palavra de Jesus, em Mateus 23:11: "Mas o maior dentre vós há de ser vosso servo". O termo "servo" hoje, tem conotação de nobreza.

A espiritualidade contemporânea deve se exibir em submissão a Deus, submissão a igreja. Este pôr-se sob autoridade não significa servilismo, mas sim lealdade e cooperação. Quem é espiritual sabe ser subordinado. Quem queira ser espiritual precisa trabalhar em cooperação.

Quando não há espiritualidade, há dificuldades de se implementar relacionamentos sadios e cooperativos. Creio mesmo que muito da crise que os cristãos passam em nossos dias é falta de espiritualidade. Há muito individualismo, reflexo do "eu me basta", de auto-suficiência, atitude que não evidencia espiritualidade, conflito para saber que posição a pessoa ocupa.

6.5. Devemos Amar a Função Que Temos Que Desempenhar

Parece que não tem muito a ver com o que estamos tratando ou que isto seja produto da espiritualidade. Mas tem a ver e é também causador de espiritualidade. "Servi ao senhor com alegria..." (Sl 100:2) diz a Bíblia. Nunca se pode servir a Deus por obrigação ou com o coração amargurado. E quando se faz com amor e coração, o relacionamento com Deus anda melhor, a graça flui. Inclusive para nós. "Façam tudo com amor", disse Paulo (1 Co 16:14). Qualquer atividade humana pode ser feita por obrigação, simplesmente por sobrevivência financeira. O serviço cristão só pode ser feito com amor, mesmo que tiremos nosso sustento desta prestação de serviço. Uma pessoa espiritual fará a obra de Deus com amor e com alegria. Mas fazer a obra de Deus com amor e com alegria também produz espiritualidade. Porque traz satisfação espiritual, produz realização, aquela sensação de se estar no lugar certo, envolvido com a causa certa. Um ministro cristão não pode se considerar apenas como um empregado de uma multinacional religiosa ou como um funcionário de Deus.

Deve se ver como alguém, cujas atividades são um ato de culto. O culto, para uma pessoa que procura espiritualidade, não é apenas o cumprimento de uma liturgia. É toda a sua vida. O que faz para Deus não é para mostrar talento a alguém, mas é um ato de culto a Deus. Isto ajuda a manter uma vida espiritual sadia e equilibrada.

6.6. Nunca se Satisfazer Consigo Mesmo

Crescer é fundamental. É exortação bíblica: "Antes cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo..." (2Pe 3:18). Crescer na graça e no conhecimento de Jesus é excelente. Mas devemos crescer em todas as áreas. Há quem cresça espiritualmente e se torna criatura humana horrorosa. Não cresce como gente. São aqueles famosos santos intratáveis. Santos na igreja e demônios em casa é algo terrível.

Uma pessoa que busque espiritualidade buscará melhorar seus conhecimentos, seu caráter, seu jeito de tratar os outros. Tem muitas pessoas que não mudam, não evoluem. A verdadeira espiritualidade produz introspecção. Alias os grandes místicos foram introspectivos. Olhando mais para sua vida do que para a vida dos outros. Há um tipo de espiritualidade "casa de correção", em que o espiritual quer corrigir o mundo. Lembro-me quando se fala de mudança e chega-se à seguinte conclusão: "Muita gente fala em mudar o mundo, mas ninguém quer mudar-se a si mesmo". Você quer ser espiritual? Procure mudar-se a si mesmo. Busque corrigir seus defeitos e não os de seus irmãos. Busque

crescer. Espiritualidade nunca é demais e nunca se chega a ser espiritual no Máximo. Sempre se pode crescer. É a busca da melhora.

Se me perguntarem um dia: você é espiritual? A minha resposta seria: Tenho espiritualidade, mas ela é deficiente. Precisa melhorar muito. Acredito que modelo é alguém que não precisa melhorar. Eu preciso melhorar muito. Se você pode me ajudar a melhorar, ore por mim. Porque quando melhorar, se puder lhe ser útil, eu o serei com alegria. A vida cristã não consiste em críticas à vida alheia, mas em apoio mútuo. Ajude-me e eu tentarei ajudá-lo. E se crescemos em espiritualidade, o reino de Deus será beneficiado.

7 - AS DISCIPLINAS ESPIRITUAIS

As disciplinas clássicas da vida espiritual convidam-nos a passar do viver da superfície para o viver nas profundezas. Elas nos chamam para explorar os recônditos interiores do reino espiritual. Instam conosco a que sejamos a resposta a um mundo vazio. Não devemos ser levados a crer que as disciplinas são para os gigantes espirituais e, por isso, estejam além do nosso alcance; ou para os contemplativos que devotam todo o tempo à oração e à meditação. Na intenção de Deus, as disciplinas da vida espiritual são para seres humanos comuns. Na realidade, as disciplinas são mais bem exercidas no meio de nossas atividades normais diárias.

Não devemos pensar nas disciplinas espirituais como uma tarefa ingrata e monótona que visa a exterminar o riso da face da terra. O objetivo das disciplinas é o livramento da sufocante escravidão ao auto-interesse e ao medo. Quando a disposição interior de alguém é libertada de tudo quanto o subjuga, dificilmente se pode descrever essa situação como tarefa ingrata e monótona. Cantar, dançar e até mesmo gritar caracterizam as disciplinas da vida espiritual.

Podemos destacar que as disciplinas espirituais não são difíceis. Não precisamos estar bem adiantados em questões de teologia para praticar as disciplinas. A Bíblia chamou o povo a disciplinas tais como jejum, meditação, adoração e celebração. E quase não deu instrução nenhuma sobre a forma de executá-las. É fácil de ver a razão por que essas disciplinas eram tão freqüentemente praticadas e de tal modo constituíam parte da cultura geral que o "como fazer" era conhecimento comum. As disciplinas espirituais são uma realidade interior e espiritual, e a atitude interior do coração é muito mais decisiva do que a mecânica para se chegar à realidade da vida espiritual.

7.1. Disciplina da Meditação

Na sociedade contemporânea nosso adversário se especializa em três coisas: ruído, pressa, e multidões. Se ele puder manter-nos ocupados com "grandeza" e "quantidade", descansará satisfeito. Freqüentemente se questiona se é possível falar de meditação como sendo cristã. Não é ela antes propriedade exclusiva das religiões orientais? A meditação sempre permaneceu como uma parte clássica e central da devoção cristã, uma preparação decisiva para a obra de oração, e adjunto dessa obra. Quão deprimente é, para o estudante universitário que busca conhecer o ensino cristão sobre a meditação, descobrir que há tão poucos mestres vivos da oração contemplativa e que quase todos os escritos sérios sobre o assunto têm sete séculos ou mais de idade. Não é de admirar que tal estudante se volte para o zen, para a ioga ou para a meditação transcendental.

Certamente a meditação não era coisa estranha aos autores das escrituras: "Saíra Isaque a meditar no campo, ao cair da tarde...." (Gn 24:63) "Quando me lembro de ti no meu leito, e medito em ti nas vigílias da noite". (Sl 63:6) Essas eram pessoas chegadas ao coração de Deus. Deus lhes falava, não porque elas tivessem capacidades especiais, mas porque estavam dispostas a ouvir. Os salmos praticamente cantam as meditações do povo de Deus sobre a lei do Senhor. "Os meus olhos se antecipam às vigílias da noite, para que eu medite nas tuas palavras". (Sl 119:148) A meditação cristã leva-nos à inteireza interior necessária para que nos entreguemos livremente a Deus e também leva-nos à percepção espiritual necessária para atacar os males sociais. Há muitos outros aspectos da disciplina da

meditação que poderiam ter sido proveitosamente considerados. Contudo, a meditação não é um ato simples, nem pode ser completada da forma como se completa a construção de alguma coisa que estamos criando. É um modo de vida. Você estará constantemente aprendendo e crescendo à medida que penetra as profundezas interiores.

7.2. Disciplina da Oração

A oração arremessa-nos à fronteira da vida espiritual. A meditação introduz-nos na vida interior; o jejum é um recurso concomitante, mas a disciplina da oração é que nos leva à obra mais profunda e mais elevada do espírito humano. A oração verdadeira cria e transforma a vida. "... a oração é, sem dúvida, a particularidade mais eloquente e a nota mais característica da espiritualidade agostiniana, porquanto todos os seus aspectos foram exaustivamente explorados e cada uma de suas fibras foi devidamente exposta, produzindo, ao final uma verdadeira teologia da oração"

Na verdadeira oração, começamos a pensar os pensamentos de Deus à sua maneira: desejamos as coisas que ele deseja, amamos as coisas que ele ama. Progressivamente, aprendemos a ver as coisas da perspectiva divina. Percebemos que os suplicantes que encontramos na Bíblia agiam como se suas orações pudessem fazer e fizessem uma diferença objetiva. O apóstolo Paulo alegremente anunciou que: "Porque nós somos cooperadores de Deus...." (1Co 3:9); isto é, estamos trabalhando com Deus para determinar os resultados dos acontecimentos.

A verdadeira oração é algo que aprendemos. Os discípulos pediram a Jesus: "... Senhor ensina-nos a orar." (Lc 11:1). Eles haviam orado a vida toda, não obstante, algo acerca da qualidade e quantidade da oração de Jesus levou-os a ver quão pouco sabiam a respeito da oração. Se a oração deles havia de produzir alguma diferença no cenário humano, era preciso que eles aprendessem algumas coisas. "A oração é vista como um instrumento que tem por finalidade explorar o máximo possível os recursos que Deus dispõe. Deus é apresentado como uma fonte inesgotável de poder que é colocada à nossa disposição".

O que temos que deixar bem claro é que precisamos entender que a oração é um processo de aprendizado. Um dos mais decisivos aspectos do aprendizado da oração pelos outros é entrar em contato com Deus de sorte que sua vida e seu poder sejam canalizados para outros por nosso intermédio. Nunca deveríamos complicar demais a oração. Somos propensos a isso uma vez que entendemos que a oração é algo que devemos aprender. Também é fácil ceder a esta tentação porque quanto mais complicada fazemos a oração, tanto mais as pessoas dependem de nós para aprender como fazê-la.

Não temos que nos preocupar com o fato de que esta atividade tomará muito de nosso tempo, porque ela não toma tempo algum, mas ocupa todo o nosso tempo. Não se trata de orar e depois trabalhar, oração simultânea com o trabalho. Precedemos, envolvemos e acompanhamos todo o nosso trabalho com oração. Oração e ação tornam-se inseparáveis. Temos tanto que aprender, uma longa distância a percorrer. Certamente o anel de nossos corações se resume no seguinte: Desejo uma vida de oração mais excelente, mais profunda, mais verdadeira.

7.3. A Disciplina do Jejum

"Muitas das pessoas mencionadas na Bíblia jejuaram. Moisés jejuou quando estava no monte Sinai (Ex 34:28). Ana jejuou quando queria ter um filho, e o pediu a Deus (1 Sm 1:7). Davi jejuou também em diversas ocasiões (2Sm 1:12; 12:22). Toda a nação israelita jejuava no dia da expiação (Lv 23:27a). E o Velho Testamento fala de muitas outras ocasiões em que se praticou o jejum".

Em nossos dias o jejum tem sido desacreditado, tanto fora como dentro da igreja. A Bíblia tem tanto a dizer a respeito do jejum que faríamos bem em examinar uma vez mais esta antiga disciplina. Muitos dos grandes cristãos, através da história da igreja, jejuaram e deram seu testemunho sobre o valor do jejum. Temos que deixar claro que o jejum não é

uma disciplina exclusivamente cristã, todas as grandes religiões do mundo reconhecem o seu mérito.

Nas escrituras o jejum refere-se à abstenção de alimento para finalidades espirituais.

O jejum bíblico sempre se concentra em finalidades espirituais. Na Bíblia os meios normais de jejuar envolviam abstinência de qualquer alimento, sólido ou líquido, com exceção de água. No jejum de quarenta dias de Jesus Cristo, diz o evangelista que ele "nada comeu" e ao fim desses quarenta dias "teve fome", e satanás o tentou a comer, indicando que a abstenção era de alimento e não de água. (Lc 4:2ss)

Os jejuns eram convocados, também, em tempos de emergência de grupo ou nacional: "Tocai a trombeta em Sião, promulgai um santo jejum, proclamai uma assembleia solene". (Joel 2:15). Quando o reino de Judá foi invadido, o rei Josafá convocou a nação para jejuar. (2 Cr 20:1-4) O jejum deve sempre centrar-se em Deus. Deve ser de iniciativa divina e ordenado por Deus. Como a profetisa Ana, precisamos cultuar em jejuns (Lc 2:37). Todo e qualquer outro propósito deve estar a serviço de Deus. Como no caso daquele grupo apostólico de Antioquia, "Enquanto eles ministram perante o Senhor" e "jejuavam" devem ser declarados a um só fôlego. (Atos 13:2)

O jejum ajuda-nos a manter nosso equilíbrio na vida. Paulo escreveu: "Todas as coisas me são licitas, mas nem todas as coisas convêm. Todas as coisas me são licitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas". (1 Co 6:12) Inúmeras pessoas têm escrito sobre os muitos outros valores do jejum tais como aumento da eficácia na oração intercessora, orientação na tomada de decisões, maior concentração, livramento dos que se encontram em escravidão. O jejum pode trazer avanços no reino espiritual que jamais poderiam ter acontecido de outra maneira. É um recurso da graça e benção de Deus que não deve ser negligenciado por mais tempo. Agora é o tempo para que todos quantos ouvem a voz de Cristo obedeçam a ela.

"Um cristão já idoso afirmou certa vez que o jejum impede que pequenos luxos acabem se tornando necessidades para nós. O jejum é um recurso pelo qual o espírito protege o corpo de ir se excedendo nos alimentos. Quando uma pessoa jejua, ela tem o corpo sob controle e assim pode realizar melhor a obra do mestre".

7.4. Disciplina do Estudo

O propósito das disciplinas espirituais é a total transformação da pessoa. Elas visam a substituir os velhos e destruidores hábitos de pensamento por novos hábitos vivificadores. Em parte alguma esse propósito é visto mais claramente do que na disciplina do estudo. O apóstolo Paulo nos chama atenção dizendo que: o modo de sermos transformados é mediante a renovação da mente. (Rm 12:2) A mente é transformada aplicando-se a ela as coisas que a transformarão. "Quanto, ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai". (Fl 4:8)

A disciplina do estudo é o veículo básico que nos leva a ocupar o pensamento. Muitos cristãos permanecem em sujeição a temores e ansiedades simplesmente porque não se beneficiam da disciplina do estudo. Podemos afirmar que estudo é um tipo de experiência em que mediante cuidadosa observação de estruturas objetivas, levamos os processos de pensamento a moverem-se numa determinada direção.

Tomemos o exemplo de estudo de um livro, vemos, sentimos e, à medida que o estudamos, nossos processos de pensamento assumem uma ordem que se conforma à do livro. Quando feito com concentração, percepção e repetição, formam-se hábitos arraigados de pensamento. O que estudamos determina que tipos de hábitos devem ser formados. É por isso que o apóstolo Paulo insistia em que nos ocupássemos das coisas que são verdadeiras, respeitáveis, justas, amáveis e de boa fama.

O processo que ocorre no estudo deve distinguir-se da meditação, pois é devocional; o estudo é analítico. A meditação saboreara a palavra; o estudo a explicará. Embora a meditação e o estudo muitas vezes se superponham e funcionem concorrentemente,

constituem duas experiências distintas. O estudo proporcionará determinada estrutura objetiva dentro da qual a meditação pode funcionar com êxito. O estudo produz alegria.

Como todo novato, acharemos difícil trabalhar no começo. Mas quanto maior nossa proficiência tanto maior nossa alegria. Não há estudo que não seja capaz de deleitar-nos depois de uma pequena aplicação a ele. O estudo é digno de nosso mais sério esforço.

8 - UMA VIRTUDE DA ESPIRITUALIDADE: AUTONEGAÇÃO

"Deus e pai todo-poderoso, nesta vida temos tido muitas lutas; dá-nos a força do teu Espírito, para que possamos prosseguir, em meio ao fogo e as muitas águas com valor, e assim nos submetermos às tuas normas, para irmos ao encontro da morte sem temor, com total confiança na tua assistência. Conceda-nos também que possamos suportar todo o ódio e inimizade da humanidade, até termos ganho a última vitória e podermos chegar ao bendito descanso que teu único filho tem adquirido para nós, por meio do seu sangue. Amém. "

8.1. Não Nos Pertencemos, Somos do Senhor

A lei divina contém um plano adequado e ordenado para a regulação de nossa vida. Porém, nosso pai celestial quer dirigir os homens por meio de um princípio-chave excelente.

É dever de todo cristão apresentar seu corpo como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, como encontramos nas escrituras.

Nisso consiste a verdadeira adoração. O princípio de santidade nos leva à seguinte exortação: "E não vos conformeis a este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus". (Rm 12:2) É muito importante que cada cristão tenha a responsabilidade e a consciência de saber que precisamos estar consagrados e dedicados ao Senhor. Isso significa que pensamos, falamos, meditamos ou fazemos qualquer coisa tendo como motivo principal a glória de Deus. Lembremos que: a aquilo que é sagrado não se pode aplicar usos impuros sem cometer séria injustiça e agravo a Deus.

Se não nos pertencemos a nós mesmos, mas pertencemos ao Senhor, devemos fugir daquelas coisas que lhe desagradem e processar nossas obras e nossos feitos como tudo aquilo que ele aprova. Baseando-nos no fato de que não nos pertencemos, teríamos que aceitar que nem nossa razão nem nossa vontade deveriam guiar-nos em nossos pensamentos e ações. Se não nos pertencemos, não temos que buscar a satisfação dos apetites da nossa carne. Se não nos pertencemos, esqueçamos de nós mesmos e de nossos interesses o quanto nos seja possível.

Pertencemos a Deus; portanto, deixemos de lado nossa conveniência e vivamos para ele, permitindo que sua sabedoria guie e domine todas as nossas ações. A nossa meta suprema deve ser: deixar que cada parte da nossa existência seja dirigida por Deus. O veneno mais afetivo que leva os homens à ruína é o fato de jactarem-se em si mesmo, no poder e na sabedoria humana. O único caminho para saírem dessa autonegação é simplesmente seguir as instruções do Senhor. A transformação de nossas vidas por meio do Espírito Santo é o que Paulo chama de renovação de mente. Esse é o verdadeiro princípio da vida que os filósofos deste mundo desconhecem.

8.2. Buscar a Glória de Deus Implica em Autonegação

Na vida cristã não se pode buscar os nossos próprios interesses, mas antes aquilo que compras ao Senhor e contribui para promover sua glória. Há uma grande vantagem em praticamente esquecermos de nós mesmos e em deixarmos de lado todo o aspecto egoísta, pois assim podemos enfocar nossa devota atenção a Deus e a seus mandamentos.

"O segredo da espiritualidade não está no que fazemos, mas no permitir que Deus seja a energia que nos capacita para agir. Só podemos morrer para o pecado se vivermos para Deus".

Quando entendemos as escrituras que nos diz para que descartemos todas as considerações pessoais e egoístas, não só exclui de nossas mentes o desejo de riquezas, de poder e favor dos homens como também faz desvanecer de nossa imaginação as falsas ambições, os apetites por glória humana e outras maldades secretas. Um cristão medira todas as suas ações por meio da lei de Deus, seus pensamentos secretos estarão sujeitos à sua divina vontade. Se um homem tem aprendido a depender de Deus em cada empreendimento de sua vida, estará liberto de todos os seus desejos vãos. A negação de nós mesmos, que tem sido tão diligentemente ordenada por Cristo aos seus apóstolos desde o princípio, terminará dominando os desejos de nossos corações. Esta negação de nós mesmos não deixará lugar para orgulho, arrogância, vanglória, avareza, licenciosidade, amor à luxúria, ao luxo, ou qualquer outra coisa nascida do amor ao "Eu".

Sem o princípio da autonegação o homem elevado à indulgência pelos vícios mais grotescos, sem um mínimo de vergonha, e se é que há alguma aparência de virtude nele, a mesma se desvanece por uma paixão desordenada que busca sua própria glória. Desde a antiguidade se sabe que há todo um mundo de vícios escondidos na alma humana. Porém, a autonegação cristã é o remédio para acabar com todos. Só há libertação para o homem que renuncia a seu egoísmo, e cuja única meta é agradar ao senhor e fazer o que é bom diante de seus olhos.

8.3. Autonegação Significa Sobriedade, Justiça e Devoção

O Apóstolo Paulo nos dá um breve sumário de uma vida bem regrada quando diz a Tito: "Porque a graça de Deus se manifestou, trazendo salvação a todos os homens, ensinando-nos para que, renunciando à impiedade e às paixões mundanas, vivamos no presente mundo sóbria, justa e piamente, aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do nosso grande Deus e salvador Cristo Jesus, que se deu a si mesmo por nos remir de toda iniqüidade, e purificar para si um povo todo seu, zeloso de boas obras".(Tit 2:11-14) Paulo declara que necessitamos da graça de Deus como estímulo para nossas vidas porém, para chegarmos a uma verdadeira adoração, devemos nos despojar dos seguintes obstáculos: a falta de devoção à qual estamos fortemente inclinados, como também da concupiscência da carne que nos angustia e nos aflige.

A falta de piedade e devoção não só dá lugar às superstições como tudo aquilo que impede o santo temor de Deus. As concupiscências mundanas representam ou simbolizam as afecções carnais. Ao mesmo tempo Paulo nos exorta a deixarmos de lado nossos desejos anteriores, os quais estão em conflito permanente com as duas tábuas da lei, e que renunciemos a todos os ditados de nossa própria razão e vontade. O apóstolo resume todas as ações da nova vida em três grupos: sobriedade, justiça e piedade.

Sem dúvida nenhuma a sobriedade significa castidade e temperança, como também o uso puro e cuidadoso das bênçãos temporais, incluindo a paciência na pobreza. A retidão inclui todos os deveres da justiça, de modo que cada homem receba o que lhe é devido. A piedade nos separa da contaminação do mundo e, por meio da verdadeira santidade, nos une a Deus. "Viver em comunhão é o lado positivo da autêntica vida espiritual, é a exortação que pode ser traduzida como viver em amizade, viver a hospitalidade".

Quando as virtudes da sobriedade, justiça e piedade estão firmemente unidas, produzem uma absoluta perfeição. Nada é mais fácil do que deixar de lado os pensamentos carnais, submeter e renunciar a nossos falsos apetites, e consagrarmos-nos a Deus e a nossos irmãos, vivendo assim uma vida de anjos num mundo de corrupção. Para livrar nossas mentes de todo engano, Paulo chama nossa atenção para a esperança de uma bendita imortalidade; ele nos anima, para que saibamos que nossa esperança não é em vão.

8.4. A Verdade Humildade Significa Respeito Pelos Demais

"A espiritualidade solidária é, portanto, a renovação permanente da comunidade eclesial adoradora, hospitaleira e missionária". Quando a escritura ordena a conduzir-nos de tal maneira para com nossos semelhantes, de modo a darmos preferência aos demais antes que a nós mesmos, nos está dando um mandamento de tal envergadura que não podemos recebê-lo, a menos que primeiramente sejamos curados de nossa natureza pecaminosa.

Se Deus tem derramado sobre nós um dom excelente, e se, porém, imaginamos que ele mesmo se deve a nosso próprio mérito, acabaremos insuflados de orgulho. Todos nós estamos cheios de vícios que escondemos dos demais cuidadosamente, e nos enganamos pensando que são coisas pequenas e triviais, tanto quanto às vezes os estimamos como verdadeiras virtudes. Se os mesmos talentos que admiramos em nós mesmos (ou ainda melhores) os vemos em nosso próximo, com toda malignidade os depreciamos e os temos em pouco-caso, para assim não termos que reconhecer a superioridade de nossos semelhantes.

Para poder viver de maneira feliz, temos que arrancar de nosso coração os maus pensamentos e desejos de falsa ambição e amor próprio desde as mesmas raízes. Se prestarmos atenção às instruções das escrituras, observaremos que nossos talentos não nos pertencem, mas que são dons que o senhor nos dá em sua graça infinita. Se nos orgulharmos de nossos talentos, estamos sendo ingratos para com Deus. : "Pois quem tem diferença? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glórias, como se não o houveras recebido? (1 Co 4:7) Devemos observar e sermos conscientes de nossas falhas, de modo verdadeiramente humilde. Fazendo assim, não nos encheremos de orgulho, do contrário, teremos grandes razões para nos sentirmos abatidos.

Por outro lado, quando vemos algum dom de Deus em outra pessoa, não devemos estimar somente o dom, mas também, o seu possuidor, pois seria uma maldade de nossa parte roubar de nosso irmão a honra que lhe tem sido dada por Deus. Tem-nos ensinado a passar por alto as falhas dos demais, mas não a fomentá-las por meio da adulção. Nunca deveríamos injuriar a outros por suas faltas, pois é nosso dever mostrar amor e respeito para com todos. Nunca chegaremos à verdadeira humildade de nenhum outro modo que não seja humilhando-nos e honrando nosso próximo do mais profundo dos nossos corações. "Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honras uns aos outros" (Rm 12:10); "não olhe cada um somente para o que é seu, mas cada qual também para o que é dos outros" (Fil 2:4).

8.5. Não Há Felicidade Sem a Bênção de Deus

Vamos analisar de forma mais detalhada esse aspecto de autonegação em sua relação com Deus. Precisamos entender como esse aspecto pode nos tornar agradáveis e pacientes. "A Bíblia diz, em Deuteronômio 28 que, se obedecermos a Deus inúmeras bênçãos virão e nos alcançarão. As bênçãos divinas são dadas de acordo com sua livre e espontânea vontade de Deus, podemos ter certeza dos cuidados do Senhor".

As escrituras chamam nossa atenção para o fato de que, se desejamos sossego e tranqüilidade em nossas vidas, temos que render a nós mesmos e tudo que temos à vontade de Deus. Ao mesmo tempo, posto que é nosso salvador e senhor de nossas vidas, deveríamos render-lhe todos os nossos afetos. Nossa natureza carnal, em sua forma natural, desenfreada e cobiçosa, anela as riquezas e o poder, a honra e a vaidade, e tudo aquilo que enche nossa existência de uma pompa vazia e inútil.

Os cristãos devem ter sempre em mente o fato de que tudo que comprehende e rodeia nossa vida, depende única e exclusivamente da bênção do senhor. Às vezes pensamos que podemos alcançar facilmente as riquezas e as honras com nossos próprios esforços, ou por meio do favor dos demais; porém, tenhamos sempre presente que estas coisas não são nada em si mesmas, e que não podemos abrir caminho por nossos próprios meios, a menos que o senhor queira nos prosperar.

Por outro lado, essa bênção nos abrirá o caminho para que sejamos prósperos, felizes, não importando as diversidades que possam vir. Ainda que sejamos capazes de obter certa

medida de bem-estar e fama sem a bênção divina, como sucede com muitas pessoas mundanas, vemos que essas pessoas estão sob a ira de Deus. Portanto, não podem desfrutar da menor partícula de felicidade. Não podemos obter nada sem a bênção divina e, ainda, se pudéssemos consegui-lo, acabaria sendo uma calamidade para nossas vidas.

8.6. O Senhor é justo em Todos os Seus Atos

Não é o único caso em que os crentes deveriam ser pacientes e temerosos a Deus, pois é necessário viver desta forma em todas as circunstâncias da vida. Não há ninguém que tenha se negado a si mesmo corretamente, a menos que esteja rendido totalmente ao senhor e queira deixar cada detalhe de sua existência em suas mãos. Se temos esta predisposição mental, as coisas que nos sucedem jamais farão nos sentir abandonados nem tampouco acusaremos a Deus por nossa sorte.

"Não existe experiência humana que se assemelhe à comunhão com Deus. Estar na presença do criador de todas as coisas é um sentimento indescritível. O Deus grande e poderoso deseja estar junto à obra de suas mãos, e quer se relacionar e compartilhar os sentimentos e os segredos do seu coração com um servo humilde e disposto a prender e a conhecer mais do seu mestre".

O cristão fiel. Ainda que em meio a circunstâncias adversas, meditará nas misericórdias e nas bondades paternais de Deus. Se sabermos que qualquer coisa que nos ocorra é ordenada por Deus, a receberemos com um coração agradecido, não sendo culpáveis de resistir orgulhosamente os desígnios do senhor, a quem uma vez nós temos encomendado juntamente com tudo que possuímos.

Longe estará do coração dos cristãos aceitar o tolo e distorcido consolo dos filósofos pagãos, que tentam se endurecer contra as adversidades, culpando a si mesmos da sorte e do destino. Os tais consideram que estar desgostoso com a porção que nos toca é uma loucura, porque existe um poder cego e cruel no mundo que afeta a todos, dignos e indignos.

O princípio da devoção é que só Deus é o guia e governador supremo, tanto na prosperidade como na adversidade, e que nunca se precipita, mas, antes, distribui todo bem e todo mal com a máxima justiça e equidade. "Assim nós, teu povo e ovelhas de teu pasto, te louvaremos eternamente; de geração em geração publicaremos os teus louvores". (Salmos 79:13)

9 - TEOLOGIA PARA A FORMAÇÃO ESPIRITUAL

"É possível que alguém dedique toda a sua vida ao estudo e ao conhecimento de Deus, lendo, pensando, escrevendo e ensinando, e não tenha nenhuma experiência real com Deus? Nenhum sentimento da presença de Deus? É possível que um cristão tenha experiências carismáticas com Deus e mesmo assim não tenha nenhuma relação pessoal com Ele?".

Talvez poderíamos responder que essa pessoa não teve uma conversão genuína, ou não é um crente verdadeiro. Existem alguns irmãos dentro das igrejas que têm se envolvido muito na igreja, tem trabalhado na igreja, tem participado talvez há muito tempo, mas descobrem que não vivenciam experiências sinceras de "Espiritalidade" e que diante de experiências novas elas chegam à conclusão de que não conhecem de maneira verdadeira a Deus.

9.1. O Homem, Um Ser Comunitário

"A obsessão pela experiência pessoal como único caminho válido para o conhecimento de Deus tem levado os cristãos a perderem de vista o lugar e o significado da relação pessoal na espiritualidade cristã".

Por que precisamos de igreja? Para que preciso de uma igreja? Será que o que eu experimento nela, eu não conseguaria experimentar em outro lugar? Será que não me tornei dependente eclesiástico, daqueles que, por não saberem conviver consigo mesmos, por terem medo da solidão, precisam da comunidade? Como seria a nossa resposta? Seria uma resposta teológica ou existencial? A minha resposta seria mais existencial do que teológica. Podemos afirmar que a igreja é um grande mistério? O apóstolo Paulo se refere à igreja como um mistério. Quando fala sobre o mistério da relação conjugal, o compara com o grande mistério que é também a relação de Cristo com a sua igreja: "Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja".

O primeiro passo para compreender essa relação, como também para compreender o matrimônio, é saber aceitar o mistério, acolher aquilo que não conseguimos dominar ou decifrar completamente. Ainda assim, precisamos buscar compreender, a partir da revelação, o mistério da igreja. A igreja não é simplesmente uma instituição, um clube, um lugar que nós escolhemos e cujas regras nos determinamos. A igreja, antes de tudo, é um lugar sagrado, que pertence a Deus e para o qual fomos chamados.

O princípio do qual surge um clube é o próprio gosto, mas o princípio sobre o qual se funda a igreja é a obediência ao chamado de Deus, assim como vemos no evangelho de Mateus 4:21-22, que diz: "... e os chamou. Estes deixando imediatamente o barco e seu pai, seguiram-no". Não somos nós que escolhemos a igreja, é Deus quem nos escolhe, chama, vocaciona e envia.

A participação na igreja implica em deixar do lado de fora meus pensamentos e caminhos para me converter e aceitar os caminhos e pensamentos de Jesus Cristo. Para os pais da igreja, uma questão relevante que tomou muito tempo de reflexão nos primeiros séculos do cristianismo não era se Deus existe ou não; este assunto já estava resolvido. A questão fundamental para eles era: uma vez existindo, como é que ele existe? Uma vez que fomos criados à imagem e semelhança de Deus, essa questão era, de fato, fundamental para compreender tanto a nós como à própria igreja.

Alguns pastores e teólogos como Inácio de Antioquia, Irineu e depois Atanásio procuraram se aproximar dessa questão, não sob a influência dos gnósticos daquela época, que apresentavam um Deus distante e separado do mundo e dos homens, mas através da experiência comunitária. Essa experiência mostrou para eles que "o ser de Deus só pode ser conhecido através de relacionamentos pessoais e do amor pessoal. Ser significa vida e vida significa comunhão". Em outras palavras, o ser de Deus é um ser em relação, em permanente comunhão. A comunhão existe a partir de Deus, é ele quem a revela. Não é um resultado de técnicas e estruturas (que nos homens colocamos ou aprendemos) que promovem os relacionamentos, mas Deus mesmo é a causa da comunhão.

A Bíblia nos revela Deus como uma trindade, três pessoas distintas, Pai, Filho e Espírito Santo. O verdadeiro ser é uma pessoa livre, uma pessoa que livremente ama, que livremente afirma sua identidade numa comunhão com outra pessoa. Podemos afirmar que cremos num Deus único porque cremos numa comunhão tão perfeita de amor e entrega que não vemos três, mas um único e indivisível Deus em quem a comunhão precede e determina o ser.

O conhecimento de Deus só é possível a partir da compreensão e aceitação dessa comunhão, pelo fato de ele mesmo não existir fora dela. Jesus disse na sua palavra: "Ninguém sabe quem é o filho, senão o Pai; e também ninguém sabe quem é o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o filho o quiser revelar". Se não entendermos a comunhão no ser trinitário de Deus, não podemos conhecer a Deus.

Como cristãos devemos reconhecer a necessidade imperativa que temos da comunhão do corpo de Cristo.

A. Precisamos de igreja porque a vida cristã é relacional.

"Na comunhão cristã, tudo depende de que cada pessoa se transforme num elo indispensável de uma corrente. A corrente será inquebrável só quando o menor elo engrenar com firmeza também. Uma comunidade que tolera a existência de membros que não são aproveitados irá à ruína através deles. Será, pois, conveniente que cada pessoa receba uma tarefa determinada dentro da comunidade, para que, em momentos de dúvida, saiba que também ela não é inútil e inaproveitável".

Pode-se afirmar que precisamos de igreja porque a partir do ministério da comunhão cristã é que vemos que a vida cristã é basicamente relacional, é a conversão do indivíduo em pessoa diante de Deus. O indivíduo é o ser que pensa em si mesmo, que se realiza a partir de suas próprias conquistas, que interpreta a liberdade como autonomia e que rejeita tudo o que vem de fora como sendo menos real e verdadeiro. As virtudes cristãs nunca são experimentadas solitariamente, só podem ser provadas em comunhão, na relação com um outro. Humildade, mansidão, perdão, generosidade, justiça, gratidão, alegria, domínio próprio, jamais serão experimentados pelo indivíduo, mas pela pessoa em comunhão. No ser de Deus não há nada que seja experimentado ou realizado individualmente, solitariamente; tudo é experimentado e realizado em comunhão, na participação de um no outro e com o outro. Também nós somos chamados à comunhão com Deus por meio do seu filho, e esta comunhão se horizontaliza na mesa da eucaristia, onde juntos comemos do pão e bebemos do cálice, participando da vida e morte do Senhor e anunciado-a na comunhão da igreja até que ele venha.

B. Precisamos de igreja porque na comunhão há relacionamentos.

Também podemos afirmar que: precisamos da igreja porque é a comunhão que nos permite ter um conhecimento mais real e objetivo sobre nós mesmos. Não há conhecimento fora dos relacionamentos. Penso que a dificuldade que muitos encontram para viver em comunhão é porque ela revela nossas feridas, medos, pecados, ansiedades e toda sorte de ambigüidades. É na comunhão com Deus, família e igreja que entro em contato com a realidade de quem sou.

"Podemos constatar facilmente que os cristãos, hoje em dia, estão separando sua vida familiar e pessoal das atividades no corpo de Cristo, bem como do seu relacionamento com Deus. Existe uma diferença muito grande entre o que a pessoa demonstra ser na igreja e o que ela realmente é em sua casa, em seu relacionamento com seus familiares" ¹

Como membros do corpo de Cristo, preciso da família e da igreja, preciso da comunhão pessoal para preservar-me cristão e humano. Se as pessoas rejeitam a comunhão por achá-la chata, enfadonha, complicada, é porque ainda resistem ao amor, à entrega e ao encontro real consigo mesmas. É somente na comunhão que experimentamos a aceitação das diferenças e o caminho do sacrifício e da renúncia. É nesta dinâmica da comunhão, na superação do egoísmo, na aceitação do outro, que eu me encontro comigo na presença de Deus. Fora de um relacionamento pessoal não há conhecimento objetivo de nós mesmos. Mas a relação entre a pessoa e a igreja é determinada pelo relacionamento entre a pessoa e Cristo. O ser nova criatura em Cristo é provar o poder de uma nova humanidade que se realiza na experiência da comunhão.

9.2. Aliança ou Contrato – Princípio Bíblico Para Nossos Relacionamentos

Podemos afirmar que: "a partir daqui para frente não será o amor que sustentará o casamento, mas o casamento sustentará o amor". Com esta afirmação não estamos diminuindo o lugar do amor na relação conjugal, muito pelo contrário, estamos afirmando ao propor algo que desse ao amor uma consistência maior, uma fonte que o alimentasse e protegesse dos vendavais e turbulências que conspiraram contra ela. Sabia que nossos afetos são freqüentemente atingidos por diversas situações que abalam aquilo que um dia consideramos inabaláveis.

¹ BEZERRA, 2001, p. 97.

São situações que envolvem as mudanças naturais da vida, processos de crescimento e amadurecimento emocional que sempre trazem consigo suas crises, conflitos e dúvidas. É precisão que algo maior do que nosso sentimento nos ajude a superar as dificuldades e limitações impostas pelos caminhos naturais do crescimento e pelas mais diversas formas de sedução a que somos submetidos todos os dias, a fim de experimentarmos novas possibilidades de amor e amizade.

Quero mencionar dois modelos de relacionamento que, de uma forma ou de outra, definem a base do nosso vínculo:

1. o primeiro: vamos chamá-lo de modelo de relacionamento contratual;
2. o segundo: de modelo de relacionamento de aliança.

A. Modelo de relacionamento contratual.

É o mais comum, o que melhor define as formas dos nossos relacionamentos. É a partir do contrato que as instituições, nações e mesmo pessoas estabelecem seus acordos. Cada parte envolvida expõe as condições que julga necessárias para que as bases do convívio sejam definidas e, sobre elas, os relacionamentos possam acontecer. Quando uma das partes quebra o contrato, não cumpre com o que foi estabelecido, as relações ficam prejudicadas e, muitas vezes, são rompidas.

Nem sempre as bases do acordo são claras ou explícitas, mas elas estão lá, como que numa agenda secreta carregada de expectativas não reveladas. O contrato por natureza exige regras. O problema é que nos relacionamentos humanos essas regras, na maioria das vezes, não são claras. Se, por exemplo, eu vou me consultar com um médico ou advogado, as expectativas dele e minhas são relativamente claras; eu pago e espero que seja diagnosticado e solucionado o meu problema. Já numa relação de amizade ou conjugal, as expectativas não são sempre claras, nem sempre um recebe o que espera do outro; daí surgem os conflitos, as frustrações e as decepções que colocam em risco amizades e casamentos. Nas relações contratuais as regras precedem o amor e definem as condições para que ela exista; em outras palavras, o amor neste modelo, é sempre uma experiência condicional. Desde cedo ouvimos e aprendemos esta equação: "Se você se comportar direito, tirar boas notas, obedecer aos pais e mestres, então será amado".

B. Modelo de relacionamento de aliança. Este é o modelo relacional da aliança, que é o modelo bíblico e que demonstra a forma como Deus se relaciona conosco. A aliança não estabelece nenhuma condição ou exigência para o amor, porque o amor precede qualquer regra ou mandamento. Antes de dar os mandamentos a Israel, Deus chama Moisés e afirma perante ele seu amor para com o povo e propõe uma aliança. A base dessa aliança é o amor incondicional e unilateral de Deus.

A narração dos mandamentos começa assim: "Eu o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão". Primeiro Deus afirma seu amor na história da redenção e, a partir daí, ele apresenta os mandamentos. Na aliança o amor precede os mandamentos. Não existe "se" no modelo da aliança, porque os mandamentos de Deus não são exigências do seu amor, mas nossa resposta ao amor de Deus. Ele não afirma: "Vou te amar se...", mas sim: "Eu amo, independente de qualquer condição". Muitas vezes Israel prostituiu-se e foi seduzido a servir a outros deuses; no entanto, Deus permaneceu fiel à sua aliança para com Israel, virando o mundo de pernas para o ar, levantando reis iníquos e nações pagãs para servirem de instrumento do seu amor-ira para trazer Israel de volta. O amor de Deus é maior do que nosso pecado, que nossa rebeldia. Ele permanece vivo e apaixonado, mesmo quando não encontra nenhuma resposta. Isto é aliança.

No contrato, os mandamentos precedem o amor; na aliança, é o amor que precede os mandamentos. Obedecemos a Deus, não como condição para sermos amados por ele, mas como resposta pessoal e incondicional ao seu amor por nós. No contrato afirmamos: se você guardar os mandamentos, cumprir fielmente com suas obrigações, aí então Deus o amará e o abençoara. Na aliança, Deus ama, independente de qualquer obrigação, porque na aliança as obrigações do amor não são exigências do amor, mas respostas apaixonadas de quem se sente amado incondicionalmente.

A aliança é o modelo relacional em que podemos crescer emocional e espiritualmente. Quando nos apresentamos perante o altar e fazemos os votos matrimoniais, não dizemos: "Vou te amar se...", mas: "Vou te amar na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, até que a morte nos separe". A aliança nos torna mais relacionais e aponta para uma forma de amor que supera as expectativas narcisistas e nos conduz ao amor paciente, amor generoso, amor verdadeiro, amor sofredor, amor esperança.

É assim que Deus se relaciona conosco: a aliança feita pelo sangue de seu filho Jesus Cristo determina seu amor eterno pessoal e incondicional. Nas relações contratuais, o imperativo é: obedeça, cumpra com sua parte do contrato, então eu o amarei. Na relação determinada pela aliança, o imperativo é: eu te amo, portanto guarda os meus mandamentos. Como marido ou pai, as minhas obrigações não são condições do amor, mas respostas do meu amor. Na aliança, as obrigações do amor não são condições para o amor. É a partir da aliança que aprendemos a nos relacionar, a reconhecer o valor e o significado dos votos e a buscar um modelo que transcendam as limitações do nosso egoísmo e nos leve a amar como Deus, em Cristo nos ama.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- CALVINO, João. A Verdadeira Vida Cristã. São Paulo: Editora Novo Século, 2000.
FOSTER, Richard J. Celebração da Disciplina. São Paulo: Editora Vida, 2007.